

Menarka¹

Renata da Silva SANTOS²

Natalia Guissoni PEREIRA³

Ricardo Tsutomu MATSUZAWA⁴

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

O projeto Menarka é um roteiro de média metragem que trata da história de Boogie Wood, uma *drag queen* novata que se envolve com uma gangue de transformistas depois de sofrer um caso de agressão ao sair de uma balada na cidade de Vera Cruz. Com esta peça as roteiristas pretendem dar voz e visibilidade à luta negra e LGBT, dois grupos sociais pouco abordados pela mídia tradicional brasileira. Para isso, usamos da linguagem do *Blaxploitation* e da experiência de *drags* reais para a construção dos atos e das linhas de diálogo.

PALAVRAS-CHAVE: *drag queen*; representatividade; *Blaxploitation*.

1 INTRODUÇÃO

Menarka é um roteiro de média metragem criado com o intuito de expor e dar visibilidade ao mundo LGBT, especificamente *drag queens*, e usar o negro como o herói da história, como o pilar que sustenta a força contra preconceito racial e a representação marginal.

O roteiro de MENARKA conta a história de Boogie Wood: uma *drag* negra novata que é agredida por um grupo de jovens ao sair de uma boate. A vida da personagem poderia correr sérios riscos se não fosse a ajuda da veterana Demetria Kiev, também negra e comandante de um quartel de *drag queens* que a salva de seus malfeitores. A partir disso, Boogie descobre este universo glamoroso, rebelde e violento da gangue que combate injustiças sociais com as próprias mãos.

A ideia da narrativa é discutir as formas de representação do negro no audiovisual brasileiro, de modo a deixar claro que ele não se encontra em uma posição subalterna em que um branco será seu líder, seu chefe. Tal reflexão foi inspirada através do movimento cinematográfico norte americano *Blaxploitation*, criado na década de 1970 em que *black* significa negro e *splotation*, por sua vez, exploração. Esse momento cinematográfico em

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Roteiro de Ficção avulso ou seriado.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso Rádio e TV, email: renatasantos505@gmail.com.

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso Rádio e TV, email: ngp.guissoni@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Rádio e TV, email: ricardo_matsuzawa@yahoo.com.br.

que as obras produzidas eram de ação representa o empoderamento do homem negro diante de uma América que não visava a inclusão de roteiros multirraciais. A ausência imagética do homem negro no controle do seu próprio destino fez com que o *Blacksploitation* fosse um grande impulsionador do negro no mercado cinematográfico americano, uma vez que sua história nunca fora contada por suas próprias palavras, mas, em todo o caso, por um homem branco.

2 OBJETIVO

O roteiro tem como objetivo discutir o papel do negro no audiovisual brasileiro e representar a *drag queen* como um ser político e pensante, ao contrário do que se tem como estereótipo hoje em algumas produções cinematográficas.

3 JUSTIFICATIVA

A ideia de ingressar no projeto Menarka surgiu a partir da falta de conteúdo produzido com a temática negro-LGBT no mercado cinematográfico. A partir disso, o média metragem é a oportunidade de oferecer um conteúdo audiovisual que instigue o público a refletir sobre o tema proposto de tanta importância, todavia, é pouco discutido. Nesse sentido, a relevância desse trabalho se intensifica também por acreditar que esses dois grupos marginalizados devem ser debatidos de forma digna e sem a representação de vítimas.

De acordo com o antropólogo e professor da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, José António Fernandes Dias, existe algo pertinente sobre o preconceito que é vivenciado por esses grupos. Nesse contexto, pode-se considerar o ensinamento de Dias em um texto de divulgação da programação do ciclo de cinema, o “Are you for real?” – “você é real?” – uma viagem afrofuturista⁵ do *Blaxploitation* às utopias *queer* visuais e sonoras”:

As pessoas lésbicas e gay negras estão efetivamente sujeitas a várias formas de discriminação: racial por parte dos brancos hegemônicos, homofóbica pelos mesmos, mas também são estigmatizados pelos seus irmãos negros heterossexuais; e a discriminação racial existe também da parte da comunidade lésbica e gay de maioria branca. É importante considerar as duas dimensões, sexual e racial, como uma interseção. A que

^{5 5} Ciclo de Cinema ocorrido entre 4 de julho e 11 de julho de 2015. Na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema – Rua Barata Salgueiro, 39, 1269-059 Lisboa, PT.

⁵ Escritor e ativista afro-britânico. Sua citação, trazida por José António Fernandes Dias, ilustra os diferentes tipos de preconceito sofridos pela categoria.

se podem acrescentar outras dimensões que também se cruzam: o gênero, a classe, a etnicidade, a espiritualidade (DIAS, 2015, p. 3).

A cena *drag* teve um grande visibilidade nos últimos anos na noite paulistana. A expansão deste fato deve-se principalmente ao seriado televisivo norte americano “*Ru Paul’s Drag Race*” liberado pela rede de *streaming* Netflix no Brasil. Segundo a reportagem da Folha de São Paulo: “O número confirma: o universo das *drags* está em expansão. Parte o fenômeno pode ser atribuído ao programa de Ru Paul...” (VIANA, 2015).

De acordo com o posicionamento da *drag queen* e o cenário social que abriga tais indivíduos, há a ideia “híbrida” de agregar dois assuntos que, por muitas vezes, é pouco abordado no contexto social e acadêmico: a *drag queen* e o afro descendente. Nesse sentido, como forma de criar um conteúdo audiovisual que pudesse fomentar o pensamento crítico de dois temas tão relevantes e com inspiração do *Blaxpotation*, o elenco de Menarka é formado em sua maioria por atores negros.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O principal método para a produção do roteiro de Menarka foi a busca por entrevistas com *drag queens* de São Paulo para a elaboração das diversas personagens da peça. Nelas, questionamos o cotidiano, a violência, a vida financeira e a iniciação no mundo das transformistas.

Um dos diálogos que mais contribuiu para a proposta aconteceu com a *performer* Márcia Pantera, que em 2016 completa 28 anos de carreira. Nesta conversa, a *drag* nos contou sobre o caso de agressão física que sofreu em outubro de 2014. O que mais nos comoveu no relato foi que, apesar de ser uma *drag queen*, Márcia foi vítima de violência na porta da boate LGBT onde trabalhava na época pelo fato de ser negra. Incluímos esta experiência na construção das duas personagens principais: tanto de Demetria Kiev, líder da gangue de Menarka, quanto de Boogie Wood, que sofre um ataque no início da história.

Outra personalidade que nos ajudou a arquitetar o universo do roteiro foi a *drag queen* Malonna Queenie. Além de ser uma importante ativista na luta pelos direitos LGBT, Malonna ainda é a líder de uma casa que habita com outras transformistas. Visitar o espaço onde mora foi essencial para as cenas que se passam dentro da sede de Vera Cruz na nossa ficção.

Outros nomes como Silvetty Montilla, Alexia Twister, Dindry Buck, Nina Fur e Kelly Caramelo nos convidaram para shows, peças, palestras e festas essenciais para entender e retratar com dignidade e realismo toda a carga psicológica destas personagens do universo *gay*.

Essas conversas nos trouxeram a necessidade de nos aprofundar em um assunto central para a concepção do roteiro: a teoria *queer*.

A teoria *queer* inscreve noções como “orientação sexual”, “identidade sexual” ou “identidade de gênero” no campo da construção social, evitando a noção habitual de estas seriam configuradas biologicamente, inscritas e designadas por forças da natureza. Assim, adota uma perspectiva pós-identitária, não inata, na tentativa de propor uma nova leitura acerca de parte da população, ainda socialmente estigmatizada. “[...] ao mesmo tempo em que identidade sexual parece ser fixa é fundamental perceber que esta identidade está a todo o momento sendo questionada” (LOURO, 2001).

A performance *drag queen*, portanto, constitui, na materialidade do corpo, uma representação de gênero, fortalecendo tanto sua identidade originariamente masculina, quanto sua mimese feminina. As fronteiras da sexualidade são testadas por ambas as representações de gênero; uma congênita, outra, construída socialmente através da performance. A *drag queen* não esconde ser um homem por trás da maquiagem, pelo contrário, revela-se no âmago da fantasia feminina. Sua falsa tentativa de engano se torna, portanto, a essência de sua arte.

Numa segunda etapa da pesquisa, decidimos entender melhor sobre o cinema *Blaxploitation* dos anos 1970.

Sendo um cinema de gênero, o *Blaxploitation* produziu especialmente produtos finais de ação. Dentro de um consenso temático, constrói-se uma inversão de papéis, arquétipos e estereótipos da representação do negro e do branco, se compararmos suas produções às comumente empreendidas em Hollywood, no período citado. Assim, a representação do homem branco encarna o desenho do opressor; e a polícia é o retrato da estupidez, da ineficiência, da indolência. O negro, por sua vez, é *cool* – “descolado” –, símbolo do herói que não pede licença para ocupar seu lugar de direito.

Não se trata de cinema caracteristicamente militante, todavia possui implicações políticas. Os negros, agora personagens tridimensionais e socialmente conscientes, negociam abertamente seu lugar no mundo. Não importa se ele é mais engajado como em “The Mack” (THE MACK, 1973) ou mais descolado como em “Shaft” (SHAFT, 1973).

Importa que ele deixou para trás o papel de coadjuvante a ele oferecido pela indústria cinematográfica hollywoodiana.

Tendo as entrevistas e a pesquisa em mãos, as duas roteiristas começaram a se reunir semanalmente para discutir quais seriam os rumos da história. Por contarmos a trajetória de uma *drag queen* que vive momentos de decadência e ascensão na busca por sua identidade negra, achamos que os doze passos da Jornada do Herói de Joseph Campbell era a melhor escolha para a construção dos atos, que foram organizados da seguinte maneira:

Atos da Jornada do Herói	Atos no Roteiro de Menarka
Mundo Comum	Boogie Wood sai da boate.
Chamado à Aventura	Boogie Wood é agredida e resgatada por Demetria Kiev.
Recusa ao Chamado	Boogie tenta não se envolver nas discussões da gangue.
Encontro com o Mentor	Demetria Kiev anuncia que Elisa Piton, uma outra integrante da gangue, foi estuprada. A líder precisa de um rosto novo para a retaliação.
Travessia ao Umbral	Boogie Wood se candidata para a retaliação.
Testes, Aliados e Inimigos	Boogie reencontra sua tia Pérola, decide se mudar para a sede da gangue e conversa com Demetria Kiev.
Aproximação do Objetivo	Boogie faz a performance que serve de emboscada para atrair Xandão.
Provação Máxima	Boogie se prepara para matar Xandão e se encontra com Miller Queen.
Conquista da Recompensa	Boogie Wood e Miller Queen discutem sobre a evolução da novata e a morte de Xandão.
Caminho de Volta	Boogie volta para a sede da gangue.
Depuração	A gangue descobre que Demetria Kiev foi assassinada.
Retorno Transformado	Boogie decide pela gangue que vão encarar

	as consequências pela morte de Xandão e entram num tiroteio com a polícia.
--	--

Foi desta forma que, com a ajuda do nosso orientador Ricardo Matsuzawa, conseguimos concluir a ficha das personagens, o argumento com toda a descrição da narrativa, a escaleta, a descrição de cada uma das cenas e, por fim, os diálogos.

Para os diálogos ainda contamos novamente com a ajuda de Malonna Queenie, Nina Fur e Kelly Caramelo, que releram conosco todo o roteiro a fim de deixar cada uma das falas mais próximas do que uma verdadeira *drag* diria. Assim chegamos a resultado final entregue para a banca avaliadora da Expocom Sudeste 2016.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Menarka trata-se de um roteiro de ficção para peça audiovisual de aproximadamente 45 minutos de arte.

Nele contamos a história de uma gangue de *drag queens* liderada pela veterana Demetria Kiev, que ao ver uma *drag* apanhando na rua, resolve defende-la e leva-la para a casa onde vive com o restante de sua gangue, a sede de Vera Cruz. Essa *drag* salva é Boogie Wood, ainda novata na arte de se montar, que fica encantada e um pouco assustada com o universo violento e glamouroso que acaba de descobrir.

Para a confecção deste roteiro, decidimos usar como referência principal o *Blaxploitation*, movimento negro no cinema americano nos anos 1970 que, através do protagonismo negro, desmistifica a imagem de vítima usualmente sofrida por esta parcela da população. Buscando o empoderamento e a representatividade de outras parcelas marginalizadas da nossa sociedade, ainda estendemos o tema para o meio LGBT, principalmente para as *drag queens*. Neste caso, a pesquisa foi realizada com base em relatos de *performes* do ramo na cidade de São Paulo.

Ao misturar elementos de universos tão distantes, o roteiro tem como meta atingir os consumidores primários da cultura LGBT e negra e expandir a apreciação para públicos interessados em outras temáticas abordadas no Menarka. Desta forma, tentamos agregar a linguagem clássica dos diálogos de filmes de máfia a fim de incluir espectadores pouco acostumados com o ambiente *queer*.

6 CONSIDERAÇÕES

O roteiro de Menarka tem em sua essência a preocupação com a representação de personagens que são marginalizados no cotidiano da mídia tradicional. Assim como em outros projetos realizados tanto pelas roteiristas quanto pelo grupo que idealizou esta história, nosso objetivo é abraçar a diversidade em todos os seus inúmeros sentidos. Seja pela luta dos direitos LGBT, ou para dar força ao movimento negro no Brasil, pensamos que a nossa responsabilidade é olhar outras realidades com um pouco mais de empatia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VARGAS, Maria Tereza & OLTRAMARI, Leandro Castro. *Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer*. Estudos de Psicologia, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a09v09n3.pdf>>. Acesso em 03 maio 2016.

VER TV. *Debate a representação dos negros na televisão*. 2014. Disponível em <<http://tvbrasil.ebc.com.br/vertv/episodio/ver-tv-debate-a-representacao-do-negro-na-televisao>>. Acesso em: 03 maio 2016.

AFRICA.CONT/CML & FESTIVAL DE CINEMA QUEER LISBOA. “‘Are you for real?’ Uma viagem Afrofuturista do Blaxploitation às Utopias Queer Visuais e Sonoras”. Lisboa, Portugal, 2015. Catálogo. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/270180174/Are-you-for-real-AFRICA-CONT-Queer-Lisboa>> Acessado em: 04 maio 2016.

HOWARD, J. *Blaxploitation Cinema - The Essential Reference Guide*: Editora Fab Press, 2008.

LOURO, Guacira. “Teoria queer — uma política pós-identitária para a educação”. Revista Estudos Feministas. Vol. 9 (2), 2001: 541-553.

WINNICOTT, Donald Woods. *Privação e Delinquência*, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

CAMPBELL, Joseph. *O Heróis de Mil Faces*, São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

VIANA, Rodolfo. Expansão do universo de drag queens gera série, filme e curso gratuito em SP. Folha de São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1723089-expansao-do-universo-de-drag-queens-gera-serie-filme-e-curso-gratuito-em-sp.shtml>>. Acesso em 09 maio 2016.